

Alvaro Valle

É lamentável que algumas lideranças que se pretendem democráticas, defendam a participação das galerias no trabalho parlamentar.

Se acreditamos em democracia parlamentar, entendemos que o povo está no plenário, e não nas galerias. O tumulto dos assistentes aos trabalhos da Câmara, é uma prática fascista, que as democracias modernas não suportam. Um verdadeiro democrata também não tem condescendência com arruaceiros que cercam o Parlamento com seus carros de som, e desrespeitam o Poder Legislativo.

Se alguém ultrajar o Presidente da República ou o Supremo Tribunal Federal reunido, estará sujeito a fortes penas. Quando se permitem esses ultrajes ao Parlamento, está-se alimentando o desrespeito à instituição que simboliza a democracia.

Como veremos adiante, é assim que se pensa em todo o mundo civilizado, e o dever do respeito ao Parlamento é expresso na legislação pertinente.

No Brasil, temos um Congresso arquitetonicamente demagógico. As galerias, em forma de circo, estimulam aventureiros a enchê-las, o que não é difícil: são m mil e 200 lugares. Os homens e mulheres que são os sustentáculos da democracia brasileira e os garantes de sua vontade, são pressionados por poucas centenas de pessoas. As salas adjacentes ao plenário servem para manifestações de pequenos grupos.

Diz-se que o Congresso é a casa do povo porque ali o povo está reunido em assembléia, não porque

suas portas e salas devam estar permanentemente abertas a todos, como se não fosse, tal como as casas do Executivo e do Judiciário, um local de trabalho.

Em todas as democracias, os parlamentos admitem apenas a presença de alguns poucos assistentes aos trabalhos parlamentares, nas galerias. O povo está presente e é informado pela imprensa que assiste aos trabalhos.

Na *Assemblée Nationale* francesa, as tribunas e galerias comportam menos de 300 pessoas, sendo quase todos lugares ocupados por convidados, diplomatas estrangeiros e autoridades. Quando há alguns lugares livres, eles são ocupados pelas primeiras pessoas da fila que se forma em frente à Câmara. Todos são minuciosamente registrados, examinados por aparelhos eletrônicos e não podem conduzir para as galerias nem livros ou papéis para consulta. A mais simples tentativa de expressão de apoio ou repúdio é punida com expulsão do recinto e prisão.

Na Espanha, a matéria é regida pelo Código Penal (art. 149 e segs.). As comuns vaias do parlamento brasileiro nunca existiram: a simples tentativa seria punida com a pena de desterro. Se tiver havido a tentativa de interrupção dos trabalhos, antes do desterro, o assistente passa algum tempo na prisão. A pena de desterro estende-se a quem participe de manifestações nas proximidades da Câmara. Os assistentes às sessões do Parlamento são proibidos até de tomar notas taquigráficas, o que é considerado uma restrição à liberdade do parlamentar.

Em Portugal, quem quiser assistir

a sessões parlamentares, terá de obter previamente uma das senhas distribuídas pelos partidos políticos. Como em todos os parlamentos no mundo, salvo o brasileiro, os assistentes não têm acesso às dependências pelas quais transitam os parlamentares.

A mesma coisa acontece na Câmara dos Comuns, onde as galerias ("stranger gallery") são atentamente vigiadas pela segurança. É considerado crime particularmente grave qualquer tentativa de manifestação, mesmo olhares ou gestos. Nos últimos 30 anos, só duas pessoas tentaram manifestar-se. Ambos eram loucos.

Nos Estados Unidos, os assistentes não podem fazer anotações ou tirar fotografias. Deve ser o único lugar no país onde turistas se têm de separar de suas câmeras. Não há notícia recente de qualquer tentativa de desrespeito das galerias. Por desrespeito, entende-se qualquer manifestação favorável ou contrária.

No Brasil, voltamos à prática das arruaças nas galerias. Historicamente, as direitas radicais, nas horas decisivas, são as que mais se beneficiam desse desrespeito às instituições democráticas. Estranhamente, as esquerdas parecem gostar de oferecer estímulos e desculpas para a ação mais efetiva da direita. Assim foi no passado, e os baderneiros parecem estar querendo repetir a lição. Fazem um barulho inconstante e estimulam os golpistas a decretar um silêncio muito conseqüente.

■ Alvaro Valle é deputado federal (PL-RJ)